

**Traduções**



## LÍNGUA E IDENTIDADE NA DIÁSPORA ALEMÃ (E NA PÁTRIA)<sup>1</sup>

Janet M. Fuller<sup>2</sup>

Tradução de Méri Frotscher<sup>3</sup>

**Resumo:** Este texto trata da função da língua na construção da identidade entre emigrantes alemães e descendentes que vivem por todo o mundo. Falantes do *Pennsylvania Dutch* (alemão da Pensilvânia – EUA) são tomados aqui como primeiro exemplo para enfocar de que forma características da identidade grupal são construídas através do uso de variações da língua alemã e da língua inglesa. O texto também trata do papel da identidade social na mudança de língua em diferentes grupos de falantes do *Pennsylvania Dutch*. A seguir, estudos de outras colônias alemãs nas Américas, na Austrália, na África e na antiga União Soviética são integrados à discussão. Essa análise mais ampla tem como objetivo perceber o que significa identidade alemã na diáspora, como diferentes variantes da língua alemã a constroem e como ela é mantida sem o uso da língua alemã. Finalmente, também é lançado um olhar sobre a atual Berlim para propiciar uma comparação entre diferentes perspectivas sobre identidade alemã.

**Abstract:** This paper addresses the role of language in the construction of identity among German emigrants and their descendants living around the world. Speakers of Pennsylvania German are taken as a first example, with a focus on how characteristics of group identity are constructed through varieties of German and English. Also addressed is the role of social identity in language shift for different groups of Pennsylvania German speakers. Then, studies of other German enclaves in the Americas,

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado em forma de conferência durante o evento *Diaspora Experiences: German-Speaking Immigrants and their Descendants*, promovido pelo Waterloo Centre for German Studies, da Universidade de Waterloo, Ontário - Canadá, entre 24 e 27 de agosto de 2006. O Conselho Editorial da *Tempos Históricos* decidiu manter o sistema de citação utilizado pela autora do texto.

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Feministas da Southern Illinois University, Estados Unidos. Em suas pesquisas, a autora tem a preocupação de investigar como aspectos estruturais da língua refletem e constroem regras sociais e identidades.

<sup>3</sup> Professora Adjunta dos cursos de Graduação e de Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Australia, Africa and the former Soviet Union are integrated into the discussion, creating a broader analysis of what German identity means in the Diaspora, how different language varieties construct it, and how it is maintained without the German language. A glance at present-day Berlin is also given to provide a comparison in perspectives on German identity.

### Introdução

Gostaria de iniciar minha discussão sobre língua e identidade na diáspora alemã com algumas explicações sobre o que compreendo sobre todos estes termos. O termo “Diáspora Alemã” é, em muitos sentidos, o mais difícil de definir. Eu uso esse termo para discutir sobre pessoas que deixaram áreas em que o alemão era a língua da minoria para viver em locais onde também era a língua da minoria. Por conta disso, o meu uso do termo “alemão” denota um grupo sociolinguístico, não um grupo nacional. Mas isso não deixa de ser problemático. Hoerder<sup>4</sup> observa que enquanto muitas pessoas acreditam que grupos sociais – ambos, o seu e o dos outros – são monoculturais, este não é o caso dos emigrantes alemães (ou da maioria de grupos de imigrantes, como ele admite). Os emigrantes alemães partiram de diferentes regiões com diversas práticas culturais e distintas variantes da língua alemã, por vezes mutuamente ininteligíveis. Em muitos casos, eles partiram antes de se desenvolver uma consciência nacional e de áreas que hoje são ou não parte da Alemanha contemporânea. Em outras palavras, os emigrantes partiram como *Hessen*, *Mecklenburger*, *Volga Deutsche*, *Elsässer*, etc, e chegaram a suas novas pátrias sendo vistos simplesmente como “alemães”. Muitas colônias na nova pátria podem ter sido homogêneas e fechadas, mas geralmente eram heterogêneas e dispersas. Entretanto, devido ao fato de que indivíduos ou simples famílias de emigrantes raramente são objeto de estudos sobre a diáspora, discutirei neste texto somente sobre grupos que se fixaram em áreas juntamente com outros emigrantes oriundos da mesma terra natal e que continuaram a se identificar com aquele lugar de origem.

Meu foco é como, ou se, tais imigrantes e seus descendentes usaram a língua alemã para criar uma identidade alemã para seu grupo. Defino identidade social como o pertencimento socialmente construído a um grupo ou categoria social<sup>5</sup>. A identidade social inclui

<sup>4</sup> Hoerder, “German language Diasporas,” 8-9.

<sup>5</sup> Krokryt, “Identity,” 111.

identidade étnica, a qual será o foco aqui, mas também inclui identidade de gênero, de idade, etc. Ela é “socialmente construída” porque, muito embora seja frequentemente vista como algo que é da realidade física, é produto de comportamentos e valores culturais.

A identidade social de um grupo baseia-se no contraste: um grupo se define através de uma categoria (para o nosso propósito de discutir a diáspora alemã, a categoria em questão é o grupo étnico). O grupo deve ver a si mesmo como distinto de outros grupos dentro dessa categoria. No contexto da diáspora alemã, significa se ver a si mesmo como distinto do grupo majoritário e de todos os outros imigrantes ou grupos étnicos nativos. No entanto, a performance dos contrastes pode variar situacionalmente. Por exemplo, uma criança de origem alemã pode construir uma identidade, quando estiver na escola, na diáspora, enquanto parte da sociedade dominante, mas pode desempenhar sua identidade, em sua casa ou na comunidade étnica, enquanto parte de um grupo minoritário - incluindo, mas não limitando essa identidade, ao uso do alemão. Este é o tipo de comportamento que nos leva a falar sobre *construção e performance* (desempenho) da identidade social. A identidade social não é uma característica que alguém possui, mas algo que um teuto-canadense, por exemplo, repetidamente desempenha. A *performance* da identidade ainda é variável e depende da posição social, dos interlocutores, do ambiente, entre outros fatores.

Para nossa discussão sobre a diáspora alemã, um outro tipo significativo de variação na *performance* da identidade é a mudança diacrônica de identificação grupal. Um exemplo simples disto é como uma identidade alemã distinta pode ser substituída (por exemplo) pela identidade norte-americana dominante no decorrer de três gerações, quando ocorre mudança da língua, exogamia e integração. Embora a terceira geração geralmente seja mais consciente de sua origem germânica, este aspecto da sua identidade se torna menos importante se comparado ao seu senso de pertencimento a vários outros grupos: americanos, oriundos do estado de Minnesota, cidadãos da cidade de New Ulm, membros locais do Rotary Club.

Outro aspecto importante da identidade social é como ela se relaciona ou não de forma explícita a categorias sociais pré-existentes. Como categoria “teuto-americano” é algo dado para a maioria das pessoas nos Estados Unidos, pessoas que têm emigrado da Áustria podem ser colocadas nesta mesma categoria, apesar de seus protestos. Ou, se um falante quiser construir uma identidade mais precisa do que simplesmente “ser alemão” – se ele ou ela, por exemplo, quer identificar

a si próprio como suábio ou suábia – isto é menos facilmente reconhecido pela cultura dominante.

Como este último exemplo indica, parte da identidade social não é apenas o senso individual de pertencimento a uma categoria, mas também a aceitação desse indivíduo por parte de outras pessoas enquanto parte do grupo social ao qual ele reivindica pertencimento. Portanto, um dos pontos a serem considerados na construção da identidade se refere às características que os outros relacionam ao grupo social. A pessoa que desempenha uma identidade deve se enquadrar às características que os outros imputam ao seu grupo social. Uma afro-alemã, por exemplo, pode não se enquadrar aos conceitos que algumas pessoas têm sobre “ser alemã”, devido à sua cor da pele. As histórias dela sobre sua infância em Mecklenburg-Vorpommern podem ser seguidas de perguntas como “de onde você *de fato* vem?” – uma clara rejeição à construção de si própria enquanto alemã.

Neste exemplo, a “raça” é vista como um marcador que constrói a identidade social do grupo, o que abordarei novamente mais adiante. Mas o fator marcador de identidade grupal que mais quero focalizar neste meu texto é a língua. Isto nos leva ao aspecto final do meu título, e que necessita de maiores explicações. Quais aspectos da língua são de interesse aqui e como estão relacionados à identidade? Há três aspectos particulares do uso da língua que discutirei neste texto. Em primeiro lugar e o que considero mais importante, estou interessada na escolha da língua: até que ponto, em que situações e com quais conseqüências o alemão é usado em comunidades específicas na diáspora alemã?

Outro aspecto importante da língua, relevante na diáspora, é a estrutura do dialeto alemão – tanto o dialeto falado quando se emigrou da Alemanha, quanto o dialeto falado depois, por várias gerações, como língua da minoria. Abordarei o tópico das diferenças entre os dialetos na discussão abaixo e também farei uma breve menção sobre a mudança de língua no contexto das diferenças nas variantes do *Pennsylvania Dutch*. Embora minha abordagem sobre este tópico aqui seja transitória, não é à toa que muitos estudiosos (incluindo eu própria) têm concluído que fatores sociais, tais como, identidades e ideologias lingüísticas, têm papel importante nas conseqüências estruturais do contato de línguas.

Finalmente, a terceira questão a respeito da língua trata como os imigrantes falantes da língua alemã e seus descendentes falam a língua da maioria na diáspora. Embora o foco aqui sejam as variedades da língua alemã enquanto fatores marcadores de fronteiras grupais, somente em poucos casos a língua da maioria é usada para construir as

mesmas fronteiras. Embora seja comum que os filhos de imigrantes aprendam a língua da sociedade dominante naturalmente, de tal forma a não se distinguir lingüisticamente de outros usuários locais da língua dominante, também é possível que desenvolvam uma variante étnica da língua da maioria. Como veremos, este processo de aquisição da língua está entrelaçado com a manutenção e a mudança da variante do alemão. Sendo assim, todos estes três aspectos da língua serão discutidos de forma a se perceber como interagem uns com os outros na construção da identidade na diáspora alemã.

### **O *Pennsylvania Dutch*: Um ponto de partida para a exploração da relação entre língua e identidade**

O alemão da Pensilvânia (ou *Pennsylvania Dutch*, como é mais comumente chamado) é formado por dois grupos principais. O maior grupo, atualmente, compreende os anabatistas, chamados de *sectarian* ou *Plain Pennsylvania German speakers* (falantes do alemão da Pensilvânia sectários ou “Plain”). O termo anabatista inclui tanto a seita *Amish* como a seita menonita. O conceito “Plainness” é crucial nessa definição, pois ele descreve o âmago das crenças anabatistas, particularmente, a simplicidade e a falta de participação na cultura dominante mundana. As práticas comunitárias dos anabatistas podem ser ordenadas num *continuum* marcado por mais ou menos “Plain”. As comunidades menonitas mais liberais são as menos “Plain” e as comunidades *Amish* mais tradicionais são as mais “Plain”. O *Pennsylvania Dutch* continua sendo falado nas comunidades mais “Plain” – em particular, as comunidades chamadas *Old Order Amish*. (É importante observar que é um tanto enganoso empregar o termo *Pennsylvania Dutch* para os anabatistas, pois eles têm se mudado para comunidades secundárias ou terciárias fora da Pensilvânia, sobretudo, mas não exclusivamente, para o Meio Oeste norte-americano).

O segundo grupo de falantes do *Pennsylvania Dutch* é compreendido principalmente por luteranos. Eles são chamados de *non-sectarian* ou *non-Plain Pennsylvania Germans* (alemães da Pensilvânia não sectários ou não-*Plain*), para se diferenciá-los dos sectários. Entre esse grupo a língua passa (ou passou, na maioria dos casos) por um processo de mudança lingüística.

Com a forte emigração alemã para a Pensilvânia, começada no século XVII, esses dois grupos – os “Plain” e os “non-Plain” – ocuparam as mesmas áreas da Pensilvânia. Pelo fato de muitos destes imigrantes serem do Palatinado, Alemanha, hoje o seu dialeto ainda carrega muitas

semelhanças com o dialeto *Ostpfälzisch* (Palatinado do Leste). Embora tenha surgido na Pensilvânia um dialeto alemão relativamente uniforme, ele foi resultado do *dialect leveling*<sup>6</sup> e de outros processos lingüísticos e seus falantes não formaram sua comunidade baseados num senso partilhado de conexão a uma comunidade específica na Alemanha.

Além do mais, os grupos sectários e não sectários foram divididos por uma importante diferença: a religião. O grupo de não sectários não se diferenciava muito de seus vizinhos não-alemães em termos de religião e, conseqüentemente, integraram-se lentamente à sociedade anglofônica dominante. Hoje, os únicos falantes remanescentes do *Pennsylvania Dutch non-Plain* são idosos. Todavia, isto não significa necessariamente que eles tenham perdido seu senso de identidade alemã. Embora eles se refiram a si próprios como “Dutch” (alemães), e o seu modo de vida como “Dutchified” (germanizado), eles têm consciência que a sua origem é alemã e historicamente isto tem sido algo que os têm mantido à parte da sociedade dominante<sup>7</sup>. Uma identidade distinta pode ser percebida na forma como usam o inglês, como discutido em estudo por Kopp<sup>8</sup>. Seus dados evidenciam alguns aspectos do que é chamado de o “paradoxo do alemão da Pensilvânia”: embora os falantes do alemão da Pensilvânia “non-Plain” estejam decididamente mais integrados à sociedade dominante, seu inglês apresenta mais características de interferência do alemão. A presença destas características em seu inglês tem diminuído através das gerações, mas os faltantes não “Plain” usam características mais “Dutchified” (germanizadas) do que os falantes “Plain” não obstante o passar das gerações. Em outras palavras, a força do sotaque alemão (“Dutch”) de um falante não está associada ao domínio do *Pennsylvania Dutch* em seu repertório lingüístico; na verdade, o que ocorre é justamente o contrário.

A explicação para esse paradoxo está associada a dois padrões da manutenção da língua e da identidade social, como Kopp nos mostra, de forma clara. Pelo fato dos alemães da Pensilvânia “non-Plain” estarem passando a usar mais o inglês, eles não podem continuar usando o alemão para se diferenciar em relação aos outros. A cada geração, cada vez mais membros do grupo perdem o domínio do alemão. Por conta disso, uma variedade distinta de inglês acaba se desenvolvendo, a qual

<sup>6</sup> N.T.: Processo de eliminação de diferenças entre dialetos.

<sup>7</sup> Louden, “Minority-language maintenance by inertia”, 134.

<sup>8</sup> Kopp, *The phonology of Pennsylvania German English*.



serve para identificá-los como alemães da Pensilvânia. Os alemães da Pensilvânia “Plain” que continuam a falar a língua alemã e a repassá-la a seus filhos não têm necessidade de uma variante do inglês que os distinga, pois eles têm uma língua robusta internamente. Por isso, o seu inglês tende a ser mais próximo das normas do “non-Dutch” (não alemão) local. Desta forma, ambos os grupos usam a língua para construir pertencimento grupal, mas os “Plain” utilizam o *Pennsylvania Dutch* e os “non-Plain” usam o inglês colorido pelo alemão da Pensilvânia.

A segunda parte do paradoxo do *Pennsylvania Dutch* a que eu me referi tem a ver com as mudanças que estão ocorrendo na variante do alemão. Conforme diversos estudos,<sup>9</sup> a variante “Plain” é a que mais está sofrendo mudanças, enquanto que a variante “non-Plain” tem se mantido mais conservada. Num primeiro relance, poderíamos esperar o contrário. Poderíamos pensar que os falantes “Plain”, que fazem questão de viver de maneira isolada da sociedade dominante e são conservadores religiosamente, certamente preservassem sua língua com mais cuidado que os “non-Plain”, mais abertos à integração na sociedade dominante. Isto poderia nos levar a pensar que estes últimos seriam similarmente mais abertos à convergência lingüística. Mas isto não é o que de fato ocorre; é a variante “Plain” que contém as características mais inovadoras. Repetindo, a explicação desse paradoxo está relacionada à identidade e à mudança de língua. Devido ao uso freqüente do inglês em círculos “non-Plain”, não se verifica a necessidade de continuar se adaptando às novas circunstâncias e de se incrementar o bilingüismo; quando falantes têm dificuldade em dizer o que eles querem dizer em *Pennsylvania Dutch*, eles simplesmente passam a falar em inglês. Sendo assim, elementos característicos da língua alemã se mantêm como, por exemplo, a declinação dos casos, mas, eventualmente, a língua alemã deixa de ser falada devido ao fato de se preferir o inglês. No entanto, os falantes do *Pennsylvania Dutch* – ou pelo menos os integrantes da *Old Order Amish* – devem continuar a desenvolver sua língua para que esta permaneça viável dentro de sua comunidade; suas identidades enquanto “Plain” dependem disso.

Atualmente o número de falantes do *Pennsylvania Dutch Plain* está crescendo entre os integrantes da *Old Order Amish* devido à alta taxa de natalidade (cerca de 7 filhos por família) e ao alto índice de

<sup>9</sup> Huffines, “Dying by Convergence?”, “Case usage”; Loudon, “Variation in Pennsylvania German syntax”, “Minority-language maintenance 'by inertia'”; Bausch, “Observations on Pennsylvania German Today.” Hoerder, “German language Diasporas,” 8-9.

fidelidade (80%) de seus membros àquela seita religiosa.<sup>10</sup> Os *Amish*, em particular os da *Old Order*, valorizam em seus princípios sua “separação do mundo” e essa separação é claramente e explicitamente conectada à manutenção do *Pennsylvania Dutch*. Percebe-se também que os falantes do *Pennsylvania Dutch* têm uma compreensão sofisticada da importância do simbolismo lingüístico. Não que eles acreditem que o *Pennsylvania Dutch* seja algo inerentemente mais “Plain” do que outras línguas, mas o inglês representa o mundo exterior e isto não tem lugar em seus lares e nas interações em sua comunidade<sup>11</sup>.

No entanto, é importante observar que o inglês pode ter diferentes valores entre os falantes do *Plain Pennsylvania German*. Johnson-Weiner<sup>12</sup> relata que seitas mais liberais usam o inglês para marcar o seu compromisso em relação à propagação do evangelho e a rejeição aos valores da *Old Order*. O seu uso do inglês para construir sua identidade grupal enquanto menonitas é uma escolha, se bem que uma escolha que futuras gerações provavelmente não mais terão, uma vez que o *Pennsylvania Dutch* não está sendo repassado adiante nestas comunidades. Todavia, para indivíduos *Amish* que têm se convertido para seitas menonitas, o uso do inglês carrega em si um significado simbólico. Falar inglês constrói uma identidade menonita, enquanto que falar *Pennsylvania Dutch* constrói uma identidade *Amish*.

Em meu estudo sobre o *Pennsylvania Dutch* numa comunidade terciária na Carolina do Sul<sup>13</sup>, mostro como as conexões entre língua e identidades se modificaram durante as vidas das pessoas que entrevistei. Todos os entrevistados cresceram em comunidades *Old Order Amish* no Centro-oeste, mas, quando adultos, se converteram para as seitas *Beachy*<sup>14</sup> ou menonita, menos conservadoras. A discussão desses entrevistados sobre o valor do *Pennsylvania Dutch* em suas infâncias em comunidades *Old Order Amish* mostra uma clara ligação entre língua e identidade *Amish*, tal como foi discutido por Johnson-Weiner e Loudon. Como uma mulher disse: “*Meist die Amische kenne schwetzte, aber die Mennonites sin some wegkomme davon*” (A maioria dos *Amish* sabe falar alemão [*Dutch*], mas os menonitas têm se esquivado de falar). Outra pessoa descreveu a área onde seus pais viviam em Ohio como *alles Deutsch dart* (“são todos alemães lá”).

<sup>10</sup> Loudon, “Pennsylvania German in the twenty-first century.”

<sup>11</sup> Johnson-Weiner, “Community identity and language change.”

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Fuller, “The sociopragmatic values of Pennsylvania German.”

<sup>14</sup> N. T.: A seita *Beachy Amish Mennonite* foi fundada em 1927 pelo bispo Moses M *Beachy*, ex-bispo da seita *Old Order Amish*.

O aspecto mais interessante da experiência destas pessoas, contudo, é como elas têm passado a perceber que falar *Pennsylvania Dutch* não significa ser automaticamente associado a “ser *Plain*”. Em suas comunidades, há pessoas de outras regiões dos Estados Unidos que apresentam características “*Plain*” semelhantes, mas possuem um background com menos dominância do *Pennsylvania Dutch*. Como uma mulher me disse: “*Temos uma família que se mudou pra cá de Montezuma, Geórgia, e lá eles são, na verdade, no que diz respeito a ser “Plain”, provavelmente mais “Plain” do que nós. Mas todos eles falam inglês.*”

No entanto, afirmações sobre o papel da língua na construção de uma identidade baseada no “*Plainness*” têm sido questionadas nestas comunidades. Os seus habitantes têm sido forçados a reconhecer que o ato de falar *Pennsylvania Dutch* pode ser um sinal identificador de ser “*Plain*” e que ser “*Plain*” não significa, necessariamente, falar *Pennsylvania Dutch*.

Através do exemplo do *Pennsylvania Dutch* podemos ver como a língua, de diferentes maneiras, pode estar relacionada à construção da identidade. Entre o grupo *Plain*, uma variante da língua alemã pode estar muito fortemente relacionada à identidade grupal. A identidade não é uma identidade alemã (eles se consideram a si próprios como americanos), antes uma identidade religiosa de *Plain Anabaptists*, em particular, a *Old Order Amish*. Entre os grupos “non-*Plain*”, uma variante étnica do inglês é usada na construção da identidade de alemão da Pensilvânia. Nós também podemos perceber que a adoção de novas características dentro da variante do alemão não é um sinal de abertura à mudança cultural e à convergência, mas meramente a consequência lingüística da prática social do bilingüismo.

Sobre a questão da identidade religiosa (não especificamente a alemã) ser um forte suporte para a manutenção da língua, isto pode ser percebido em outras comunidades por todo o mundo. Por exemplo, Rosenberg relata que, embora a maioria dos alemães na América Latina tenha se assimilado e não mantido a língua alemã, as comunidades menonitas no México, Paraguai e Belize continuam a falar variantes do alemão<sup>15</sup>. Ele também relata, em relação aos alemães na Rússia, que aqueles que têm uma identidade confessional tendem a continuar falando o alemão, enquanto que outros têm misturado línguas ou falado principalmente russo<sup>16</sup>. Da maneira similar os *Hutterites*<sup>17</sup> nos Estados

<sup>15</sup> Rosenberg, “Deutsche Minderheiten in Lateinamerika.”

<sup>16</sup> Rosenberg, “Varietatenkontakt und Varietatenausgleich bei den Russlanddeutschen.”

<sup>17</sup> N. T.: Os *Hutterites* fazem parte de um ramo dos anabatistas que, assim como os *Amish* e os Menonitas, traçaram os seus fundamentos a partir da Reforma Radical do século XVI.

Unidos e no Canadá, assim como os *Amish*,<sup>18</sup> têm mantido sua língua.

Mas o que falar sobre comunidades alemãs que não se diferenciam religiosamente de maneira formal da sociedade dominante no seu país de adoção? Nas seções seguintes eu explorarei três tópicos, entrelaçados entre si, sobre o tema língua e identidade na diáspora alemã: os motivos da mudança de língua, a natureza da variante do alemão e a natureza da identidade que ela representa.

### O que causa mudanças de língua?

Convencionalmente se pensa que o uso da língua alemã começou a declinar nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial, quando o alemão passou a ser associado ao inimigo, o que acabou sendo fatal, com a Segunda Guerra Mundial, para as variantes remanescentes do alemão. Pesquisadores da língua alemã nos Estados Unidos têm mostrado que isto é uma grande inverdade. Embora seja correto afirmar que teuto-americanos tivessem que negociar suas identidades de forma cuidadosa durante esse período, em muitas comunidades, a mudança lingüística estava bem encaminhada já no início da Primeira Guerra Mundial<sup>19</sup>. Além disso, não é correto pensar que os teuto-americanos construíram sua identidade através do bilingüismo até o momento em que, de repente, tiveram que escolher entre ser alemães e ser americanos e decretaram uma mudança na identidade ao passar a falar o inglês.

Quais são os fatores, então, que contribuíram para a mudança de língua? Certamente a tolerância em relação à diversidade lingüística no país de imigração não é um fator desprezível. Estudos sobre a língua alemã na América do Sul frequentemente mencionam a força da nacionalização como um dos fatores que provocam a mudança da língua<sup>20</sup>. No entanto, a principal alegação destes estudos não é a de que processos de nacionalização tenham sido a causa direta da mudança de língua, mas, antes, que o ambiente social tenha forçado outras mudanças culturais – tais como a extinção de escolas ou da educação bilíngüe – as quais tiveram mais diretamente a ver com padrões de uso da língua.

<sup>18</sup> Gpeters, "The Hutterites".

<sup>19</sup> Salmons, "Language shift in German-speaking Wisconsin"; Schwarzkopf, *Deutschen in Wisconsin*

<sup>20</sup> Bärnert-Fürst, "The German Language in the Speech Community of Panambi, Rio Grande do Sul, Brazil"; Rosenberg, "Deutsche Minderheiten in Lateinamerika."

Fatores que favorecem a manutenção da língua frequentemente mencionados na bibliografia sobre diáspora alemã são: a densidade populacional da colônia, a endogamia, o isolamento (áreas rurais geralmente são mais propícias à manutenção da língua do que áreas urbanas), a homogeneidade da comunidade imigrante e a presença da língua alemã ou de instituições bilíngües (especialmente escolas e igrejas, mas também estações de rádio e TV, jornais, etc). Para ser mais claro, estes são fatores interligados, alguns dos quais podem ter relações causais uns com outros. Entretanto, esta lista de fatores somente nos ajuda a descrever mudanças de língua, mas não a explicá-las.

Salmons afirma que em comunidades dos Estados Unidos fatores externos aos enclaves alemães foram os catalisadores na mudança de língua. Assim que o controle de instituições locais, como igrejas e escolas, passou para organizações nacionais, iniciou também o processo de mudança de língua. Quando essas instituições foram nacionalizadas, elas se tornaram de domínio da língua inglesa e vagarosamente a mudança de língua ocorreu no interior das instituições locais e de lugares de domínio público e privado<sup>21</sup>. Frequentemente tem se percebido que o ensino de uma língua minoritária (ou o ensino bilíngüe) é um fator chave em políticas da língua<sup>22</sup>. Todavia, a análise de Salmons localiza o fator catalisador para a mudança de língua na nacionalização dessas instituições. Esse é um aspecto decisivo da explicação, não meramente uma descrição da mudança de língua.

Esta posição é apoiada por uma pesquisa sobre o declínio da língua alemã na União Soviética. Rosenberg a relaciona, de forma clara, com a perda do controle administrativo sobre as escolas e outras instituições<sup>23</sup>. Uma pesquisa sobre os *Hutterites* dos Estados Unidos e do Canadá também defende a idéia de que a manutenção da língua está ligada ao controle local de várias instituições. Os *Hutterites* vivem em *Bruderhöfe* (colônias), as quais são comunais e isoladas. Eles têm sido altamente bem sucedidos na produção agrícola, o que lhes têm fornecido meios para manter sua independência. Apesar de terem seguido as normas escolares (currículo e língua) dos respectivos países, Estados Unidos e Canadá (inglês, em ambos os casos, pois as colônias

<sup>21</sup> Salmons, "Language shift in German-speaking Wisconsin."

<sup>22</sup> Veja, por exemplo, Clyne, "What can we learn from Sprachinseln?" e Pauwels, "Swabian Speech Communities in Melbourne" on German in Australia, e Bongart, "Deutsch Sprache und Kultur in Kitchener-Waterloo."

<sup>23</sup> Rosenberg, "Varietatenkontakt und Varietatenausgleich bei den Russlanddeutschen."

dos *Hutterites* no Canadá estão situadas em *Manitoba, Saskatchewan e Alberta*), o trabalho de Peters, dos anos 70, indica que eles geralmente têm sua própria escola em sua colônia. Em complementação ao currículo escolar regular, as crianças são alfabetizadas em *Hochdeutsch* (Alto Alemão) a partir dos dois anos e meio de idade. Assim como a *Old Order Amish*, os *Hutterites* também têm uma alta taxa de natalidade e um alto grau de fidelidade ao seu credo religioso, aspectos que promovem e justificam a sua habilidade em administrar seus próprios negócios<sup>24</sup>.

No entanto, pesquisa sobre a língua alemã em Kitchener-Waterloo (Ontário, Canadá)<sup>25</sup> nos lembra que nem sempre é a política da língua em si, mas as práticas da língua em órgãos administrativos que têm influência na sua manutenção. Prokop relata que apesar do francês, juntamente com o inglês, ser reconhecido como língua oficial no estado de Ontário, na realidade poucos empregados da cidade falam francês. Mesmo não oficialmente, procurava-se ter certeza que um número suficiente de empregados que falassem alemão fossem contratados para trabalhar em repartições públicas que atendiam à população de língua alemã.

Apesar de ser comum na bibliografia sobre a diáspora alemã a idéia de que a identidade étnica mantém a língua étnica, Waters propõe uma perspectiva bem diferente sobre a manutenção da identidade étnica grupal<sup>26</sup>. Ele afirma baseado numa análise de dados sobre seis grupos de imigrantes alemães nos Estados Unidos e na Rússia, que a identidade étnica grupal somente foi mantida quando era essencial para a base econômica passível de ser herdada na nova pátria. Se títulos de terras, empregos, etc., no país hospedeiro fossem dependentes do pertencimento a um grupo étnico, o grupo étnico manteria uma comunidade viável com uma língua distinta. Contudo, se as oportunidades econômicas fossem acessíveis a cada um, individualmente, a assimilação ocorreria e a identidade grupal e a língua ancestral seriam abandonadas. Este estudo, conseqüentemente, considera a mudança da língua uma das características da assimilação. A mudança de língua segue a perda de solidariedade étnica grupal.

Um exemplo dado neste artigo é o dos alemães provenientes do Volga, os quais mantiveram seu pertencimento étnico grupal e a língua

<sup>24</sup> Peters, "The Hutterites."

<sup>25</sup> Bongaert, "Deutsch Sprache und Kultur in Kitchener-Waterloo," 29.

<sup>26</sup> Waters, "Towards a theory of ethnic identity and migration."

durante os seus anos de estadia na Rússia, mas se assimilaram rapidamente à sociedade dominante depois de chegar aos Estados Unidos. Inicialmente, fazendeiros e artesãos foram convidados a povoar os locais mais remotos do sudeste do império de Catarina, a Grande. Além de outros benefícios, foi-lhes oferecido nestas colônias alemãs o uso da terra, a qual era controlada por entidades locais, as chamadas “*Gemeinde*” (comunidades). O uso da terra e outros privilégios foram concedidos baseados no pertencimento destes imigrantes à comunidade alemã e essas colônias mantiveram a sua identidade alemã. A língua e a identidade alemãs foram mantidas, apesar do governo do Czar Alexandre e de seus programas de russificação. Entretanto, os alemães provenientes do Volga que emigraram para os Estados Unidos foram rapidamente assimilados pela cultura dominante. As razões para isto, de acordo com Waters, se encontram no fato de que nos Estados Unidos os títulos de terras eram propriedade individual e não propriedade da comunidade étnica.

Um outro exemplo citado por Waters é o dos *non-Plain Pennsylvania Germans*, os quais mantiveram, no início, a língua e o senso de pertencimento ao grupo étnico e, mais tarde, se assimilaram. Ele afirma que mudanças nas leis referentes à obtenção de cidadania e à posse de terras, em meados do século XVIII, fizeram com que não fosse mais necessário para um alemão reivindicar o pertencimento étnico para obter terras ou mesmo herdá-las. Waters afirma que a assimilação não se tornou tema de debate antes, mas depois desse período. Isso pode ser observado em discussões em jornais alemães sobre o perigo da anglicanização, sobre a falta de resistência às escolas bilíngües (ao invés do alemão) e sobre a mudança na composição de unidades do exército. Na Guerra contra a França e os indígenas, iniciada em 1755, haviam unidades do exército compostas somente por falantes da língua alemã, enquanto que na Guerra Revolucionária, iniciada em 1775, os teuto-americanos foram integrados a unidades pan-étnicas. Um problema desta análise é a hipótese de que a assimilação começou tão cedo, pois sabemos que do início até meados do século XX, havia falantes do *non-Plain Pennsylvania Dutch* que aprenderam esta língua domesticamente. No entanto, deixem-nos considerar que Waters esteja certo em sua avaliação sobre a assimilação. O que eu gostaria de examinar são as hipóteses implícitas nessa análise, em particular, como compará-la com a discussão de Salmons sobre a mudança de língua.

Ambos os estudos apontam para fatores externos ao grupo étnico na explicação da manutenção da identidade e/ou da língua. Contudo, o

estudo de Salmons sugere que a conexão entre língua e identidade pode ser perdida ou cortada. Fatores de nível macro podem induzir a mudança de língua, o que não significa o fim da identidade étnica. Em contraste, o estudo de Waters sugere que a relação entre língua e identidade permanece intacta. Ele afirma ainda que a mudança de língua representa um sinal de perda de identidade étnica.

Um estudo sobre a língua alemã em Alberta, Canadá, parece apoiar a perspectiva de Waters<sup>27</sup>. Embora Prokop não use a palavra “identidade” em sua discussão, ele discute a relação entre a auto-descrição da nacionalidade dos imigrantes e o uso da língua alemã. Embora haja diferenças no interior do país, em geral, Prokop descreve os imigrantes alemães como portadores de uma “disposição a 'tornarem-se canadenses’”<sup>28</sup>, o que ele acredita contribuir para mudanças de língua. (Deve-se observar que este livro começa com uma discussão sobre a heterogeneidade das comunidades teuto-canadenses. O autor continua a usar o termo “alemães” entre aspas para lembrar ao leitor que neste termo se inclui um grupo heterogêneo de pessoas que foram categorizadas como “alemãs” na sua chegada no Canadá, mas que são oriundas de vários backgrounds, nem todas estando ligadas à língua alemã ou ao solo alemão).

Apesar da perspectiva de Waters ser intrigante (a de que a perda da língua implica a perda da identidade étnica), essa perspectiva não parece se sustentar, tendo em vista as descobertas feitas pela maioria dos estudiosos da diáspora alemã. Em muitos estudos são descritas comunidades em que a identidade étnica é mantida depois que a língua deixou de ser falada. Um exemplo é a história de um clube alemão chamado “Wiedergeburt” (Renascimento) situado além dos Cárpatos (hoje, Ucrânia), depois do fim da União Soviética, num momento em que o alemão era pouco falado nesta região<sup>29</sup>. Rosenberg também acentua que apesar de haver um alto nível de fidelidade à língua entre os alemães na ex-União Soviética, isto pode não ter correspondido a um real uso e manutenção dessa língua. Ele concorda com a afirmação de Salmons de que as comunidades em que a língua alemã foi preservada eram relativamente homogêneas e apresentavam estruturas estáveis dentro das quais eles puderam continuar a usar o alemão na esfera pública<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> Prokop, *The German Language in Alberta*.

<sup>28</sup> *Ibid*: 321.

<sup>29</sup> Melika, “Deutschen Minderheit von Transkarpatien.”

<sup>30</sup> Rosenberg, “Varietatenkontakt und Varietatenausgleich bei den Russlanddeutschen.”



O estudo de Rosenberg sobre as comunidades alemãs na América Latina afirma que embora a língua alemã seja raramente mantida através das gerações, o contato com a Alemanha é mantido através de laços econômicos, viagens de retorno ao velho país e, em alguns casos, longas estadas dedicadas aos estudos. Este contato contínuo é algo incomum e é, indubitavelmente, ligado a uma consciência contínua de identidade alemã. No entanto, isto não indica o uso continuado do alemão nas comunidades latino-americanas: a mudança de língua é a norma nestas colônias<sup>31</sup>. De forma similar, Schabus observa pouca fidelidade à língua alemã entre descendentes de imigrantes que chegaram ao Peru, em meados do século XIX, mas nota a presença de uma identidade étnica distinta<sup>32</sup>.

Outro complicador da questão sobre o que causa a mudança de língua é a falta de definição sobre o que significa saber ou usar uma língua. Não é o caso de constatar se as pessoas falam ou não uma língua; há muitos níveis entre o domínio de uma língua e nenhuma noção dela e há muitas formas de usar uma língua que não requerem uma produção constante ou mesmo totalmente adequada. Em meu próprio estudo sobre discurso não-convergente<sup>33</sup> (isto é, o uso do alemão por uma pessoa e o uso do inglês por outra, numa mesma conversação), eu analiso dados sobre pares de interlocutores (pai/mãe-filho e marido-esposa) que falam cada um, uma língua dominante diferente. Eu constatei que a falta de convergência em relação a um código comum não representa um conflito, mas é a sua forma de construção conjunta do bilingüismo. Nestas conversações, ao colaborarem um com o outro, tendo em vista um objetivo comum (por exemplo, quando mãe-filha ou marido-esposa contam, em conjunto, uma mesma estória) eles estão colaborando na construção do bilingüismo. Isto não constitui um uso competitivo de discurso não-convergente, mas um padrão usual utilizado em interações entre esse tipo de interlocutores.

Além disso, é comum o uso emblemático de uma língua de um grupo étnico. Um estudo no Brasil ilustra isto bem e defende que embora a mudança de língua esteja em andamento, palavras ou frases em alemão ainda são usadas para fixar os contornos de uma identidade alemã em interações de grupo intra-étnicas<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Rosenberg, "Deutsche Minderheiten in Lateinamerika."

<sup>32</sup> Schabus, "Beobachtungen zu Sprachkontakt."

<sup>33</sup> Fuller, "Co-constructing Bilingualism."

<sup>34</sup> Bärnert-Fürst, "The German Language in the Speech Community of Panambi, Rio Grande do Sul, Brazil."

Este aspecto do uso do alemão, mais emblemático do que funcional, também aparece no estudo de Winters e Pauwels, voltado à função do gênero na manutenção da língua. O estudo sobre australianos que falam a língua alemã mostra uma clara diferença relacionada ao gênero na manutenção da língua. Quase todos os falantes consideravam o inglês a sua língua mais predominante. Contudo, enquanto as mulheres procuravam oportunidades para usar e assim aperfeiçoar seu alemão, os homens relataram que evitavam usar esta língua pelo fato sentirem que não o falavam bem. As mulheres disseram que queriam usar o alemão para mostrar solidariedade em relação a outros falantes dessa língua, enquanto os homens não usavam sua língua de origem desta forma<sup>35</sup>. Este estudo nos lembra que a identidade é multifacetada. As pessoas não constroem apenas sua identidade étnica, mas também sua identidade de gênero e ambas são, obviamente, entrelaçadas.

### Características da identidade

A alegação de Waters de que a identidade alemã é dispensável se não tiver valor na obtenção ou manutenção da base econômica, potencializa o debate sobre o que, exatamente, nós entendemos por “identidade alemã” ou teuto-americano, teuto-chileno, alemães provenientes do Volga, etc. Não se trata meramente de saber se as pessoas têm ascendentes alemães. Isto porque muitas pessoas têm ascendentes alemães, mas não se consideram membros de um grupo social baseado na sua ancestralidade alemã. Luebke escreve: “É um fato muito conhecido, apesar de raramente discutido, que pessoas de origem alemã, que constituem o maior grupo de imigrantes europeus na sociedade americana, têm, enquanto uma coletividade étnica, a identidade mais frágil<sup>36</sup>”.

Uma das razões para isto pode ser a freqüente identificação com regiões muito menores do que a grande nação alemã. Salmons escreve explicitamente sobre esse fenômeno em colônias alemãs em Wisconsin, dando como exemplo, pessoas que não se consideram teuto-americanas, mas “Hessians from Rhine Township in Sheboygan County”<sup>37</sup> (Oriundos de Hessen, do distrito municipal do Reno, da comarca de Sheboygan). Essa “identidade psicológica com referência a

<sup>35</sup> Winters and Pauwels, “Gender in the transmission and construction of ethnolinguistic identities.”

<sup>36</sup> Luebke, . “Book review of ‘Becoming Old Stock’”, 252.

<sup>37</sup> Salmons, “Language shift in German-speaking Wisconsin,” 170.

uma localidade” é uma experiência crítica e comum entre imigrantes e tem uma ligação direta com a forma como a língua atua na construção de sua identidade<sup>38</sup>.

A identidade, como dito anteriormente, é um pertencimento socialmente construído a um grupo ou categoria e por isso é problemático tomar, na análise da construção das identidades, as características associadas a este grupo ou categoria, as normas culturais do grupo e as características de seus membros. Que peculiaridades uma pessoa alega quando constrói uma identidade alemã?

Para muitos, a germanidade é associada a um grupo de características que são vistas como distintas da cultura dominante, em particular distintas das peculiaridades consideradas negativas da sociedade dominante. O estudo de Coggeshall sobre uma comunidade teuto-americana no sudeste de Illinois descobriu que as peculiaridades discutidas pelas pessoas na região incluem limpeza (por exemplo, manter o jardim belo e limpo), a economia e o gosto por certas comidas<sup>39</sup>. Embora o uso do “folk speech” (um dialeto étnico do inglês) seja mencionado como uma peculiaridade dos teuto-americanos, é mais correto afirmar que é justamente através dele que a sua identidade é construída. Schwarzkopf observa que muitos imigrantes alemães que migraram para Wisconsin no século XIX, orgulhavam-se por serem bem instruídos e especialmente por terem conhecimentos da cultura clássica alemã, como a música e a literatura. Todavia, entre os traços alemães listados pelos seus informantes do século XX, incluíam-se fundamentalmente o hábito da limpeza e o fato de serem pessoas que trabalham muito<sup>40</sup>.

Um estudo muito interessante feito por Dietrich<sup>41</sup> examina como a população teuto-americana em Fredericksburg, Texas, negociou sua identidade étnica no período entre 1845 e a Primeira Guerra Mundial. Um assunto constante nesse período é o elo entre a identidade alemã e a moral. Eles consideravam a sua habilidade para resolver conflitos com os indígenas como uma vitória moral ligada a sua origem alemã. Eles apoiaram a União na Guerra Civil. Apesar de esta aliança tê-los apartado de outros texanos, ela os colocou ao lado daqueles que eles consideravam moralmente superiores. Na Primeira Guerra mundial,

<sup>38</sup> Warren, *The Community in America*, cited in Salmons, “Language shift in German-speaking Wisconsin,” 170.

<sup>39</sup> Coggeshall, “One of those Intangibles.”

<sup>40</sup> Schwarzkopf, *Deutschen in Wisconsin*.

<sup>41</sup> Deitrich, “The Nexus of American Ethnicity and Patriotism.”

seus sacrifícios patrióticos foram descritos como uma conseqüência de sua moral alemã. Em razão disso, a identidade alemã foi construída através dos valores morais, e não através de um sentimento de lealdade em relação à Alemanha.

Outro aspecto da construção da identidade discutido nesse estudo é como teuto-americanos em Fredericksburg construíram uma identidade híbrida. Apesar de eles creditarem seu sucesso com os indígenas à moral alemã, sua experiência na fronteira foi tida como essencialmente americana. Sua aliança com a União durante a Guerra Civil reforçou seu posicionamento de se afirmarem enquanto americanos. Em tempos de paz, eles celebraram o dia 4 de Julho, o dia da independência dos Estados Unidos da América, com danças e músicas folclóricas alemãs. Com o início da Primeira Guerra Mundial, eles foram forçados a instituir programas de “americanização”, mas usaram várias estratégias para cumprir estes programas e, ao mesmo tempo, continuar mantendo uma identidade distinta. Eles rejeitaram o governo alemão e exibiam seu patriotismo americano não somente hasteando bandeiras, mas também aclamando heróis de guerra teuto-americanos, novamente ligando ações e características positivas – sacrifício, lealdade, diligência – à sua origem alemã. Em outras palavras, eles construíram sua identidade teuto-americana através da demonstração da moral, da não conexão com a Alemanha, dentro de um contexto americano. Pouco se fala sobre língua nesse estudo, mas nós sabemos através de outras pesquisas, feitas nessa região, que o alemão atualmente continua sendo falado por algumas pessoas idosas e que faz parte da tradição teuto-americana de Fredericksburg<sup>42</sup>.

O estudo de Schwarzkopf sobre os alemães em Wisconsin mostrou uma versão um pouco atenuada dessa identidade híbrida. Todas as pessoas que ela entrevistou disseram ter orgulho de serem americanos, mas isso não as impediu de se orgulharem de sua origem alemã. Enquanto nem todos aqueles de origem alemã demonstraram orgulho disso, aqueles que o fizeram também expressaram orgulho de serem americanos<sup>43</sup>.

Outro estudo que exemplifica uma identidade híbrida é o estudo de Siebur sobre uma comunidade alemã na região Llamquihue, no Chile<sup>44</sup>. Nesta comunidade, os seus integrantes se descrevem como

<sup>42</sup> Gilbert *Linguistic Atlas of Texas German*; “English loanwords in the German of Fredericksburg, Texas.”

<sup>43</sup> Schwarzkopf, *Deutschen in Wisconsin*.

<sup>44</sup> Ziebur, “Chilenen deutscher Abstammung.”

chilenos descendentes de alemães, enfatizando sua identidade chilena, embora afirmem uma etnicidade alemã. Embora Ziebur relate uma forte identificação dessas pessoas com a sua origem alemã e com o seu subgrupo, somente 39% das pessoas questionadas declararam ter domínio do alemão. Os seus principais interlocutores são seus pais e avós, o que significa que é improvável que a língua seja repassada adiante. Nesse caso, a identidade alemã não é constituída através da língua alemã. A população alemã é bem integrada. Muitos daqueles que se identificam como chilenos descendentes de alemães têm somente um dos pais que é de ascendência alemã. No entanto, eles definem germanidade de acordo com um conjunto de peculiaridades que eles vêem como distintas da cultura chilena dominante – os alemães são vistos como pessoas que trabalham muito, como pontuais, responsáveis e *ordentlich* (ordeiros). Significativamente, eles também vêem esse conjunto de peculiaridades como distinto dos alemães nascidos na Alemanha, vistos por eles como pessoas muito diretas, difíceis ou rigorosas. Eles se auto-representam como mais sociáveis, abertos e amigáveis.

Finalmente, outro elemento que surge na construção da identidade alemã é a idéia de “raça”. Nos Estados Unidos, os primeiros imigrantes alemães geralmente se misturaram ao que se chamava *Old Stock*, uma auto-imagem etnicamente mais neutra que podia incluir outros descendentes de europeus, mas as implicações raciais deste termo claramente os distinguiam dos afro-americanos<sup>45</sup>. Na Namíbia, o aspecto racial da identidade alemã foi até mesmo mais aparente e explícito. As colônias surgiram em 1884, quando a Alemanha ocupou a Namíbia, e embora muitos alemães a tivessem deixado em 1919, quando a Namíbia se tornou um Mandato da Liga das Nações, uma colônia formada por alguns milhares de pessoas subsistiu. Uma pesquisa dos anos 1990 descreve as escolas alemãs e o uso da língua em escolas, igrejas e espaços de sociabilidades<sup>46</sup>, indicando uma forte identidade alemã. Um elo entre identidade alemã e o fato de ter pele clara (*whiteness*) foi firmemente estabelecido no início do século XX. Pedidos de registro de crianças nascidas da união (ilegal) entre um alemão (branco) e um africano (negro) nos registros de nascimento alemães eram negados, de acordo com uma lei de Berlim de 1908. Entretanto, usar a “raça” para a distinção não significa que eles também a

<sup>45</sup> Luebke, “Review of ‘Becoming Old Stock’.”

<sup>46</sup> Gretschel, “The German language in independent Namibia.”

usassem para se alinharem com outros grupos brancos. Quando a “eticidade” não costuma ser usada para marcar limites entre grupos sociais, a língua o é. Embora seja difundido o trilingüismo (alemão, inglês e africânder), a língua alemã é vista como uma ferramenta simbólica para a manutenção de posições de poder na sociedade<sup>47</sup>.

Também se deve observar que, apesar de não se poder dizer que os alemães na Namíbia são integrados à sociedade namibiana, sua identidade enquanto *Südwester* (oriundos do sudoeste) sublinha tanto a sua identidade alemã quanto o seu senso de pertencimento ao sudoeste africano. Da mesma forma que os alemães de Fredericksburg (Texas), sua identidade estava ligada a ambos, à sua origem alemã e à sua experiência na diáspora.

### A função das variantes do alemão

Diferentes dialetos do alemão, particularmente o Alto e o Baixo-Alemão, freqüentemente são impossíveis de se entender reciprocamente (até onde nós podemos falar sobre inteligibilidade em termos binários). Às vezes é observado que as diferenças dialetais contribuem para a mudança de língua, ou seja, que os falantes de alemão nos Estados Unidos falarão inglês uns com os outros se as variantes do alemão faladas por eles procedem de áreas diferentes<sup>48</sup>. No entanto, em seu estudo, Schwarzkopf indica que a maioria dos falantes de alemão de três comunidades de Wisconsin relatou a ela que a maioria deles falava o “*Hochdeutsch*” (o alemão padrão), além do seu dialeto<sup>49</sup> (Alto ou Baixo-Alemão). Sendo assim, era o alemão padrão e não o inglês que era utilizado na comunicação entre esses grupos que falam em dialeto. Uma situação parecida é descrita por Bausenhart em seu estudo sobre os menonitas de Ontário<sup>50</sup>. Essa comunidade foi composta de uma mistura de pessoas que vieram de Ontário via Pensilvânia e que falavam o alemão da Pensilvânia (uma variante do Alto-Alemão) e de pessoas que imigraram para o Canadá via Ucrânia e Paraguai, trazendo consigo um dialeto Baixo-Alemão. Bausenhart relata que na igreja, sermões eram dados em inglês ou em Alto-Alemão, embora ele descreva que o dialeto

<sup>47</sup> Pütz, “‘Südwesterdeutsch’ in Namibia.”

<sup>48</sup> Veja Johnson-Wiener, “Community identity and language change” para uma discussão sobre isto entre os membros da *Old Order Amish community* em Norfolk, VA; veja Coggeshall “One of those intangibles” para uma discussão sobre atitudes de falantes do Alto e Baixo-Alemão no Sudoeste de Illinois.

<sup>49</sup> Schwarzkopf, *Deutschen in Wisconsin*.

<sup>50</sup> Bausenhart, “Deutsch bei den Mennoniten.”

Alto-Alemão era colorido pelo dialeto nativo.

Embora haja certamente grandes e reais diferenças lingüísticas entre os dialetos, eu proponho a idéia de que diferenças de identidade entre os grupos em contato também contribuem para a inaptidão de se comunicarem entre si através das suas variantes do alemão. Nós sabemos, afinal, que em alguns casos *dialect leveling* acontece quando grupos estão em contato<sup>51</sup>. Então, quando o *dialect leveling* não acontece, distintos agrupamentos sociais se desenvolvem. Em outras palavras, grupos que não se vêem como alemães, mas como *Mecklenburger* e *Schwaben*, terão pouca motivação para armazenar recursos lingüísticos. Ao invés disso, irão lidar com outro grupo da forma como eles lidariam com outro grupo social, ou seja, na língua da maioria.

### Resumo: língua e identidade na diáspora

Nós vimos que a manutenção da língua não é necessária para uma identidade social distinta, mas que o contrário é real: sem uma identidade grupal distinta, uma língua minoritária não será mantida. Isto também parece ser verdade para indivíduos. Pessoas que têm pouco contato com outras pessoas que falam sua língua dominante, podem perdê-la mais rapidamente se não tiverem uma forte identificação com esta língua e com seus falantes<sup>52</sup>. Como o exemplo do *Pennsylvania Dutch* mostrou-nos, a identidade dos seus falantes não é sempre, necessariamente, alemã. De fato, neste caso, a identidade religiosa tem mostrado ser mais efetiva para a manutenção da língua do que a identidade étnica.

Quando uma identidade alemã distinta se mantém na diáspora, as peculiaridades culturais associadas a esse grupo variam entre as comunidades. Alguns vêem a germanidade como um indicador de limpeza e ordem, outros como um distintivo que denota educação e erudição ou moralidade superior. Em todos os casos, parece que ter ancestrais de alguma área em que se fala alemão na Europa é necessário, mas aqueles que possuem apenas um dos pais ou dos avós de origem alemã ainda podem se considerar orgulhosamente alemães e serem membros aceitos de uma comunidade alemã.

<sup>51</sup> Veja Schabus, "Beobachtungen zu Sprachkontakt", para uma discussão sobre *dialect leveling* entre o dialeto renano e tirolês no Peru; veja Rosenberg "Varietätenkontakt und Varietätenausgleich bei den Russlanddeutschen" sobre dialetos alemães entre teuto-russos.

<sup>52</sup> Veja Schmid, "Identity and First language Attrition."

### ... e na pátria

Essa idéia da etnicidade enquanto integrante do “ser alemão” é o ponto de partida para minha discussão sobre língua e identidade na Alemanha. Como nós todos sabemos, a identidade alemã tem sido, de maneira brutal e bizarra, ligada à idéia de “raça” e à etnicidade, no passado. Nesta última seção de minha discussão, gostaria de discutir como a imigração dentro e fora da Alemanha tem submetido essa definição de germanidade a muitos cuidados. Particularmente, discutirei o retorno de descendentes de alemães (“ethnic Germans”) da antiga União Soviética para a Alemanha.

Como mencionado anteriormente, a emigração desta área começou no final do século XVIII com um convite de Catarina, a Grande, aos fazendeiros e comerciantes para que migrassem para a Rússia. Colônias alemãs cresceram e se espalharam no Leste. Em 1979, havia quase dois milhões de descendentes de alemães na União Soviética e 57% deles consideravam o alemão sua língua materna<sup>53</sup>. As experiências e identidades desses alemães na União Soviética variavam consideravelmente. Alguns viviam em vilas alemãs relativamente homogêneas, outros em cidades, onde mostravam ter pouca consciência de seus laços com a Alemanha.

Depois da reunificação da Alemanha, esses “grupos étnicos de alemães” foram convidados a voltar para a Alemanha – como alemães, não como imigrantes ou *Gastarbeiter*<sup>54</sup>. Deve-se notar que um fator que motivou esse convite foi o reconhecimento do tratamento hostil que estes “alemães” receberam na União Soviética e o desejo, por parte da nação alemã recém-unificada, de prover benefícios àqueles que justamente sofreram por “serem alemães”. Contudo, como o processo de migração proporcionou moradias subsidiadas e outros programas sociais às centenas de milhares de migrantes vindos, todos qualificados para receber a cidadania alemã, o acolhimento recebido tornou-se menos caloroso<sup>55</sup>. Medidas foram tomadas para estancar a imigração dessas pessoas que geralmente são chamadas *Russlanddeutsche* (“teuto-russos”) ou simplesmente “russos” (ambas as designações são incorretas, pois muitos desses imigrantes são, na verdade, oriundos de áreas fora da Rússia). Em primeiro lugar, pedidos de emigração foram

<sup>53</sup> Jedig, “Die deutschen Mudarten in der Sowjetunion.”

<sup>54</sup> N.T.: Trabalhadores de outra nacionalidade que vivem na Alemanha e que não tem a cidadania alemã.

<sup>55</sup> Dietz. “Post-Soviet Youth in Germany.”



requeridos de dentro do país de emigração, por isso normas foram impostas. Em seguida, um teste de língua foi implantado para permitir somente a entrada daqueles que falassem alemão<sup>56</sup>. Entretanto, devido ao fato de que centenas de milhares de imigrantes retornados já entraram até o momento na Alemanha e de que membros de uma família que requerem a cidadania alemã não precisavam provar a proficiência em alemão, essa nova medida acabou não modificando radicalmente a situação existente, ou seja, o fato de que muitos deles falem russo e não dominem o alemão. Muitos estudos<sup>57</sup> relatam as dificuldades que esses emigrantes da Ex-União Soviética tiveram em se integrar à sociedade alemã devido às diferenças culturais e lingüísticas. Uma dificuldade para a sua adaptação tem sido sua negociação da identidade. Rosenberg observa que esses imigrantes têm uma dupla identidade, alemã e russa, na União Soviética<sup>58</sup>. Mas na Alemanha, ironicamente, eles se tornaram simplesmente russos. Significativamente, essa designação destas pessoas como russas, e não alemãs, é uma distinção que não é baseada na idéia de “raça” e na etnicidade, mas na cultura e na língua.

É difícil de dizer em que medida as ações políticas descritas acima representam as atitudes da população, mas a posição oficial de bem vinda aos que tinham a minha etnia mudou para uma insistência de que tivessem uma língua em comum. Ao mesmo tempo, a cidadania em geral tornou-se menos claramente relacionada ao sangue e mais ao solo e à cultura. Por exemplo, atualmente a cidadania alemã é concedida a filhos de imigrantes nascidos na Alemanha, com algumas condições: a mais saliente delas é ter morado na Alemanha legalmente por oito anos e não ter cidadania em outro país. Para imigrantes não nascidos na Alemanha, o que é exigido para a obtenção de cidadania ainda não é claro, mas cresce a opinião de que é necessário a participação na cultura e na economia alemã e o domínio da língua alemã.

Estas atuais políticas de cidadania refletem uma atitude crescente de que não se nasce alemão, torna-se alemão, de que a assimilação cultural e lingüística é o que os torna alemães. Entretanto, a questão que fica é como a população alemã vê estas definições legais. As pessoas acham que ser alemão é uma questão cultural, lingüística ou étnica? Certamente, o elo traçado entre etnicidade e germanidade tem se

<sup>56</sup> Brown, “The Germans of Germany and the Germans of Kasakhstan.”

<sup>57</sup> Dietz, “Post-Soviet Youth in Germany”; Rosenberg, “Mehrsprachigkeit fördern heißt: Mehrere Sprachen fördern”; Wierda, “Rußlanddeutsche Jugendliche in Mecklenheim.”

<sup>58</sup> Rosenberg, “Varietatenkontakt und Varietatenausgleich bei den Russlanddeutschen.”

desgastado. Se aceitarmos e acho que devemos, que a antiga legislação sobre cidadania era baseada numa ideologia étnico-nacional, então devemos também conceber a mudança dessa legislação como uma mudança intencional em direção a uma definição mais cultural e lingüística sobre o que significa ser alemão.

Há algumas evidências em estudos recentes, que mostram que essa redefinição faz parte da percepção dos cidadãos alemães. Idriss<sup>59</sup> relata resultados de grupos de discussão formados por jovens em programas de treinamento vocacional, que mostram que estes jovens adultos definiram como alemães aqueles que falam a língua alemã, participam da economia alemã e se assimilaram culturalmente. Esta era a posição tanto daqueles que tinham todos os ancestrais alemães, como daqueles que eram eles próprios, imigrantes ou tinham pais ou avós de outros países. Idriss salienta que estes resultados não incluem tolerância para com diferentes práticas culturais. Havia um consenso muito forte nestes grupos de discussão de que pessoas que não se conformassem à cultura alemã – por exemplo, usando lenços para a cabeça – não eram alemães. Contudo, a cor da pele e a terra de origem de um dos pais não foram critérios utilizados para determinar identidade alemã.

Minha própria pesquisa com alunos de 4ª e 5ª séries em aulas bilíngües de Alemão e Inglês, em Berlim, mostra algumas posições similares sobre esta questão, ou seja, sobre que torna uma pessoa alemã. Dados de pesquisa mostram que somente três crianças, entre trinta que responderam a um questionário sobre como elas definiam a identidade alemã, deram respostas que envolviam a idéia de “raça” e etnicidade. Todas as outras vinte e sete deram respostas que indicaram que outros fatores culturais são os fatores definidores da identidade alemã: nascer na Alemanha, crescer na Alemanha e falar alemão.

Esses dois estudos indicam que jovens em: a) treinamento vocacional; e b) educação bilíngüe – dois grupos que não são necessariamente representativos da cultura da maioria – definem “ser alemão” como o produto da assimilação cultural e não como algo dependente da “raça” e da etnicidade. Entretanto, uma pesquisa entre políticos dirigentes, jornalistas e representantes culturais entre 28 e 40 anos mostra resultados completamente diferentes<sup>60</sup>. As pessoas desses grupos de discussão tiveram uma opinião clara de que ser alemão dependia tanto da origem quanto da cultura e que os estrangeiros (e, o

<sup>59</sup> Idriss, “Learning to belong.”

<sup>60</sup> Schneider, “Discourses of Exclusion.”

que é chocante, os judeus) não poderiam ser qualificados como alemães. Este estudo mostra que mudanças nas leis de cidadania, mesmo que significativas, não tem mudado a visão destes profissionais de classe média. Pode ser que a diferença entre este estudo e aqueles que têm mostrado uma definição não inclusiva de germanidade seja devido à idade dos participantes - aqueles com posições mais inclusivas são mais jovens, o que é promissor. Contudo, também poderia ser devido ao fato de que os grupos de pessoas que tiveram posições sobre a identidade alemã menos determinadas racialmente parecem estar às margens da sociedade e envolvidas em programas educacionais que os proporcionaram contato com um grupo de pessoas diversificado etnicamente.

### Conclusão

Um exame dos enclaves alemães em muitos países tem apresentado que nem todos aqueles que reivindicam a identidade alemã usam a língua alemã. Embora a língua seja um marcador de identidade grupal conveniente, não é fácil mantê-la e ela depende de mais coisas do que a identidade grupal. Embora a palavra final sobre o que causa mudança de língua não tenha sido falada, é certo afirmar que línguas minoritárias usadas na esfera pública são difíceis de manter.

Também vimos que nem toda pessoa que usa a língua alemã está construindo o mesmo tipo de identidade social. A maior razão para isto é que a identidade alemã não é a mesma coisa na Alemanha, no Canadá, na Austrália ou no Brasil. Ser alemão não significa sempre gostar de bom pão e de boa cerveja e muito menos gostar de jardins bonitos em frente às casas e música clássica. Na diáspora, a germanidade é algo híbrido – indivíduos têm identidades teuto-americanas, russo-alemãs, chilenas com ascendência alemã, etc. Essa hibridez está no âmago da experiência da diáspora alemã. É neste ponto que vemos a ligação com a atual Alemanha: na Alemanha, que se tornou país da diáspora para emigrantes de diferentes países, cada vez mais há pessoas teuto-turcas, afro-alemãs, *Rußlanddeutsche*, etc. Sendo assim, percebe-se que a idéia central da diáspora, o hibridismo, está se movendo de fora para dentro da Alemanha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bärnert-Fürst, Ute. "Conservation and Displacement Processes of the German Language in the Speech Community of Panambi, Rio Grande do Sul, Brazil". In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*, ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 273-287. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.
- Bausch, Karl-Heinz. "'In Other Words-Now How Do You Say That in English?': Observations on Pennsylvania German Today." *Sprachreport* 4 (1997): 1-6.
- Bausenhart, Werner. "Deutsch in Ontario. I. Toronto und Ottawa; Deutsch bei den Mennoniten." In *Deutsch als Muttersprache in Kanada: Berichte zur Gegenwartslage. Deutsche Sprache in Europa und Übersee: Berichte und Forschung, Band 1*, ed. by Leopold Auburger, Heinz Kloss, and Heinz Rupp, 15-24. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1977.
- Bongart, Klaus. "Deutsch in Ontario II: Deutsch Sprache und Kultur in Kitchener-Waterloo." In *Deutsch als Muttersprache in Kanada: Berichte zur Gegenwartslage. Deutsche Sprache in Europa und Übersee: Berichte und Forschung, Band 1*, ed. by Leopold Auburger, Heinz Kloss, and Heinz Rupp, 25-32. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1977.
- Brown, Andrew J. "The Germans of Germany and the Germans of Kasakhstan: A Eurasian Volk in the Twilight of Diaspora". *Europe-Asia Studies* 57 (2005): 625-634.
- Clyne, Michael. 1994. "What can we learn from Sprachinseln? Some observations on 'Australian German'." In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*. Ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 105-122. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994..
- Coggeshall, John M. "One of those Intangibles': The Manifestation of Ethnic Identity in Southwestern Illinois". *Journal of American Folklore* 99 (1986): 177-207.
- Dietrich, Katheryn. "The Nexus of American Ethnicity and Patriotism". Conference Papers, American Sociological Association, 2004 Annual Meeting, San Francisco.
- Dietz, Barbara. "Post-Soviet Youth in Germany: Group Formation, Values and Attitudes of a New Immigrant Generation". In *From Pacesetters to Dropouts. Post-Soviet Youth in Comparative Perspectives*. Ed. by Tamar Horowitz et al, 253-271. New York: University Press of America, 2003.
- Fuller, Janet M. "Co-constructing Bilingualism: Non-converging Discourse As An Unmarked Choice." In *Proceedings of the fourth Annual*

- Symposium About Language and Society – Austin*. Ed. By Alice chu, Anne-Marie P. Guerra, and Chantal Tetreault, 68-77. Austin, TX: University of Texas, Department of Linguistics, 1996.
- Fuller, Janet M. "The sociopragmatic values of Pennsylvania German ("Dutch"): Changes across time, place and Anabaptist sect". In *ISB4: Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism*, ed. by J. Cohen, K. McAlister, K. Rolstad, & J. MacSwan. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005.
- Gilbert, Glen G. English loanwords in the German of Fredericksburg, Texas. *American Speech* 40 (1965): 102-112.
- Gilbert, Glen G. *Linguistic Atlas of Texas German*. Austin, Tex., 1972.
- Gretschel, Hans-Volker. "The status and use of the German language in independent Namibia: can German survive the transition?" In *Discrimination through Language in Africa?: Perspectives on the Namibian Experience*, ed. by Martin Pütz, 299-313. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.
- Hoerder, Dirk. "The German-language diasporas: A survey, critique, and interpretation". *Diaspora* 11 (2002): 7-44.
- Huffines, Marion Lois. "Case Usage among the Pennsylvania German Sectarians and Nonsectarians". In *Investigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death*, ed. by Nancy Dorian, 211-226. New York: Cambridge University Press, 1989.
- Huffines, Marion Lois. "Dying by Convergence? Pennsylvania German and Syntactic Change". In *The German Language in America, 1683-1991*, ed. by Joseph Salmons, 250-263. Madison, WI: Max Kade Institute for German-American Studies, 1993.
- Idriss, Cynthia Miller. "Learning to belong: Citizenship, schooling and national identity in contemporary Germany". PhD dissertation, University of Michigan, 2003.
- Jedig, Hugo H. "Die deutschen Mudarten in der Sowjetunion". In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*. Ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 11-17.
- Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994. (First published in *Das Wort. Germanistisches Jahrbuch DDR-UDSSR*. Ed. by G. Uhlisch. Zwickau, 1986.
- Johnson-Wiener, Karen. "Community identity and language change in North American Anabaptist communities". *Journal of Sociolinguistics* 2/3 (1998): 375-394.
- Kopp, Achim. *The phonology of Pennsylvania German English as evidence of language maintenance and shift*. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 1999.
- Kroskrity, Paul V. "Identity". *Journal of Linguistic Anthropology* 9 (2000): 111-114.

Linke, Uli. "Review of 'Creating Germans Abroad: Cultural Policies and National Identity in Namibia'." *American Anthropologist* 106 (2004): 639-40.

Louden, Mark. "Variation in Pennsylvania German syntax: a diachronic perspective". In *Proceedings of the International Congress of Dialectologists in Bamberg, German, Vol. 2: Historical Dialectology and Linguistic Change*, ed. by Wolfgang Viereck, 169-79. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.

Louden, Mark. "Minority-language maintenance 'by inertia': Pennsylvania German among nonsectarian speakers." In: "*Standardfragen*": *Festschrift für Klaus J. Mattheier zum 60. Geburtstag*, ed. by Jannis Androutsopoulos and Evelyn Ziegler, 121-137. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2003..

Louden, Mark. "Patterns of language maintenance in German American speech islands". In *Studies in Contact Linguistics: Essays in Honor of Glenn G. Gilbert*, ed. by Linda L. Thornburg and Janet M. Fuller, 127-146. New York: Peter Lang, 2006.

Louden, Mark. "Pennsylvania German in the twenty-first century." In *Deutsche Sprachinseln heute*, ed. by Nina Berend and Elisabeth Knipf-Komlós. Frankfurt am Main: Peter Lang, forthcoming.

Luebke, Frederick. "Book review of 'Becoming Old Stock: The Paradox of German American Identity', by Russel A.Kazal". *The Journal of American History* (2005) 251-2.

Melika, Georg. "Spracherhaltung und Sprachwechsel bei der deutschen Minderheit von Transkarpatien." In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*, ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 289-301. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

Pauwels, Anne. "Swabian Speech Communities in Melbourne: A Sociolinguistic Discussion." In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*, ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 205-220. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

Peters, Victor. The Hutterites. *Deutsche Sprache in Europa und Uebersee*, 1 (1977).

Prokop, Manfred. *The German language in Alberta: maintenance and teaching*. Edmonton: University of Alberta Press, 1990.

Pütz, Martin. "'Südwesterdeutsch' in Namibia: Sprachpolitik, Sprachplanung und Spracherhalt". *Linguistische Berichte* 136 (1991): 455-467.

Rosenberg, Peter. "Deutsche Minderheiten in Lateinamerika". In: *Particulae particularum. Festschrift zum 60. Geburtstag von Harald Weydt*, ed. by Theo Harden and Elke Hentschel, 261-291. Tübingen: Stauffenburg, 1998.

Rosenberg, Peter. "Varietatenkontakt und Varietatenausgleich bei den Russlanddeutschen: Orientierungen für eine moderne

Sprachinselforschung." In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift für Hugo Jedig*, ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 123-164. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

Rosenberg, Peter. "Mehrsprachigkeit fördern heißt: Mehrere Sprachen fördern – auch das *Deutsche*. Zur sprachlichen Integration und ihren Voraussetzungen bei russlanddeutschen Schülern." (Vortrag für Schulsenat Hamburg, unpubl, 2001.)

Salmons, Joseph. "Community, region, and language shift in German-speaking Wisconsin. In *Regionalism in the Age of Globalism: Volume 2: Forms of regionalism*, ed. by Lothar Hönnighausen et al, 167-182. Madison: Center for the Study of Upper Midwestern Cultures, 2005.

Schabus, Wilfried. "Beobachtungen zu Sprachkontakt, Varietätenausgleich, Sprachloyalität und Sprachwechsel in Poxuxu (Peru) und bei den 'Ländlern' in Siebenbürgen". In *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift fuer Hugo Jedig*, ed. by Nina Berend and Klaus J. Mattheier, 221-262. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

Schmid, Monika. "Identity and First language Attrition: A Historical Approach". *Estudios de Sociolingüística* 5 (2004): 41-58.

Schneider, Jens. "Discourses of Exclusion: Dominant Self-Definition and 'The Other' in German Society". *JSAE* 2 (2002): 13-21.

Schwarzkopf, Christa. *Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten, Teil III: German Americans, Die sprachliche Assimilation der Deutschen in Wisconsin*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden, 1987.

Walther, Daniel Joseph. *Creating Germans Abroad: Cultural Policies and National Identity in Namibia*. Athens, OH: University of Ohio Press, 2002.

Waters, Tony. "Towards a theory of ethnic identity and migration: The formation of ethnic identity by migrant Germans in Russia and North America". *International Migration Review* 29 (1995): 515-544.

Wierda, Birte von. "Rußlanddeutsche Jugendliche in Meckenheim oder Der Zusammenhang von Sprache und Identität". *Linguistik Online* 7 (2000). <http://www.linguistik-online.de/>

Winters, Joanne and Anne Pauwels. "Gender in the transmission and construction of ethnolinguistic identities and language maintenance in immigrant Australia". *Australian Journal of Linguistics* 25 (2005): 153-168.

Ziebur, Ulrike. "Die soziolinguistische Situation von Chilenen deutscher Abstammung." *Linguistik Online* 7 (2000). <http://www.linguistik-online.de/>

